



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI  
ÁREA DE CIÊNCIAS DA VIDA  
CURSO DE PSICOLOGIA

**AUTOMUTILAÇÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA  
COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO TRATAMENTO**

Mariana Galeazzi Modesti

Lajeado/RS, junho de 2023

Mariana Galeazzi Modesti

**AUTOMUTILAÇÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA  
COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO TRATAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado ao curso de Psicologia, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Elisângela Mara Zanelatto

Lajeado/RS, junho de 2023

Mariana Galeazzi Modesti

**AUTOMUTILAÇÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA  
COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO TRATAMENTO**

A Banca examinadora abaixo aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Psicologia:

Prof. Me. Elisângela Mara Zanelatto – orientadora  
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Prof. Dra. Gisele Dhein  
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Prof. Dra. Suzana Feldens Schwertner  
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Lajeado/RS, 26 de junho de 2023

**AUTOMUTILAÇÃO NÃO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UMA  
COMPREENSÃO PSICANALÍTICA DO TRATAMENTO**

**NON-SUICIDAL SELF-MUTILATION IN ADOLESCENCE: A  
PSYCHOANALYTICAL UNDERSTANDING OF TREATMENT**

**Mariana Galeazzi Modesti<sup>1</sup>, Elisângela Mara Zanelatto<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Psicologia - Universidade do Vale do Taquari - Univates -  
mmgaleazzi@universo.univates.br

<sup>2</sup> Orientadora, Psicóloga e Mestre em Ensino - Universidade do Vale do Taquari - Univates -  
elisangela.zanelatto@univates.br

## RESUMO

A adolescência pode ser entendida como um estado de ser, um tempo único do sujeito que vive imerso em elaborações e escolhas vivenciando novas pulsões decorrentes da puberdade. O presente artigo é o resultado de uma pesquisa vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso e tem por objetivo compreender a perspectiva psicanalítica acerca da automutilação não suicida na adolescência. Este estudo se caracteriza pela natureza qualitativa e apoia-se em dados descritivos. Como método de pesquisa utilizou a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro abordando o trabalho psicoterapêutico a adolescentes que se automutilam sem intenção de morrer. Participaram do estudo três psicólogas que atuam há mais de cinco anos ancoradas na abordagem psicanalítica com adolescentes entre 12 e 18 anos de idade. Cada entrevista teve a duração aproximada de 45 minutos e foram gravadas. Elas foram realizadas de modo virtual por meio da plataforma Google Meet, e uma aconteceu de modo presencial. Após, as falas foram transcritas na íntegra. Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2011), a partir da construção de um corpus do qual surgiram as categorias a seguir: 1) Adolescência na contemporaneidade: diferentes modos de ser e adoecer; 2) Corpo: marcas e registros de um tempo; 3) Trabalho psicoterapêutico com adolescentes: desafios e possibilidades e 4) Rede de apoio: com quem contar. Como resultado, constatou-se que a intervenção junto aos adolescentes se faz através de uma perspectiva de vínculo que proporcione a criação de mecanismos de enfrentamento salutares par com suas dores e sentimentos de desamparo.

**Palavras-chave:** Adolescência; Automutilação não suicida; Psicanálise.

## ABSTRACT

Adolescence can be understood as a state of being, a unique time in which one lives immersed in elaborations and choices, experiencing new impulses that come from puberty. The current article is the result of research tied to a capstone project and has as an objective to understand the psychoanalytic perspective on nonsuicidal self-injury in adolescence. This study is characterized by its qualitative nature and is based on descriptive data. A semistructured interview based on a guide that looks at the psychoanalytical approach with teenagers between the ages of 12 and 18 was used for the research method. Each research lasted for approximately 45 minutes and was recorded. The interviews were done online through the platform Google Meet and one was carried out in person. After, the interviews were transcribed completely. The data was analyzed through Bardin's (2011) content analysis, through the construction of a corpus in which the following categories came up: Adolescence in contemporary times: different ways of being and falling ill; Body: marks and records of a time; Psychotherapeutic work with adolescents: challenges and possibilities; Support network: who to count on. As a result, it was found an intervention with teenagers is done through the perspective of a bond that make the creation of healthy coping mechanisms to dealt with their pain and feelings of vulnerability possible.

**Keywords:** Adolescence; Nonsuicidal self-injury; Psychoanalysis.

## 1 INTRODUÇÃO

Como abordagem terapêutica que visa identificar e interpretar a relação entre o inconsciente e os sentimentos, pensamentos e ações dos sujeitos, no que tange o desenvolvimento emocional infantil postulado por Winnicott (2005), a psicanálise se preocupa com a provisão ambiental, e o quanto ela ser suficientemente boa implica na constituição do adolescente. O autor afirma que o desenvolvimento acontece gradualmente, num longo período, e que, segundo ele, o que é relevante, é a parte do processo no qual o indivíduo se percebe como unidade. Partindo dessa premissa, esta pesquisa fundamenta-se na ideia de que a adolescência é um estado de ser, um tempo único do sujeito que vive imerso em elaborações, escolhas e produções, de um sujeito que vive um processo de revisão de suas heranças infantis, ao mesmo tempo em que está à mercê e vivenciando novas pulsões decorrentes da puberdade.

Sobre as fragilidades e confluências acerca da adolescência, autores como Rossi *et al.* (2019), afirmam que estudos voltados à temática de saúde mental deste público estão vinculados à omissão, à exclusão e à institucionalização, e consideram os fenômenos sociais nos quais os adolescentes contemporâneos estão inseridos. Ademais, segundo os autores, os estudos nessa temática correm o risco de permanecer atrelados aos diagnósticos psiquiátricos e ao cuidado individualizante, sem dialogar com os diversos fenômenos sociais nos quais os adolescentes contemporâneos estão inseridos. Neste sentido, considera-se os estudos de Aberastury e Knobel (1981) quanto à conduta do adolescente estar dominada pela ação, constituindo-se, assim, o modo de expressão mais típico neste momento da vida. No caso da automutilação não suicida, o ato como sofrimento colocado em ação. Logo, atentar para a complexidade do adolecer é ponderar que o corpo pode se apresentar como cenário significativo para manifestação de um sintoma, de um sofrimento psíquico como a automutilação não suicida.

Buscando lançar luz sobre este fenômeno, cada vez mais presente na contemporaneidade, este estudo debruça-se a pensar como a Psicanálise trata deste tema, e quais são os modos de tratamento e intervenções oferecidas pelo viés da abordagem psicanalítica. Para tanto, a definição do problema ficou assim estabelecido: qual é a compreensão dos psicólogos de orientação psicanalítica acerca da automutilação não suicida na adolescência?

A justificativa deste estudo está em constatar a necessidade de se pensar a adolescência como uma fase do desenvolvimento que requer compreensão acerca das suas

vulnerabilidades e manifestações próprias de comportamento, que por vezes, no que tange o sofrimento, são proferidas no corpo. Estudos recentes constataam o alto índice de automutilação não suicida no período da adolescência como resultado final de complexas interações entre fatores genéticos, como apontam Santos *et al.* (2018), biológicos, psiquiátricos, psicológicos, sociais e culturais. Para tanto, é de suma importância compreender as transformações e os processos que envolvem o período da adolescência, desmistificando e desnaturalizando conceitos oriundos de uma padronização que atravessa gerações.

Metodologicamente, este artigo se situa no campo de pesquisa social aplicada e qualitativa, conforme Goldemberg (2004), pois os sujeitos da pesquisa não são considerados como partes isoladas, e sim, como parte de um todo. Deste modo, examinando evidências baseadas em relatos visando entender um fenômeno na sua íntegra, esta pesquisa apoia-se em dados descritivos. A técnica utilizada para coletar dados foi entrevista semiestruturada e para analisá-los, a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). Para tanto, o artigo está dividido nessa introdução, seguida pelo referencial teórico, detalhamento metodológico e análises. No encerramento, segue as considerações finais e referenciais utilizados.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Conceber a adolescência a partir da teoria psicanalítica, tendo como pressuposto a ética do sujeito do inconsciente, sem predicados, é considerar que este estágio do desenvolvimento está atribuído a causas internas do sujeito e não classificada por uma idade, nem como um período particular do desenvolvimento humano. A teoria psicanalítica concebe a adolescência como um tempo do sujeito, uma passagem por processos complexos como: elaboração de perdas, de escolhas e produções que levam a uma modificação do equilíbrio psíquico, produzindo uma vulnerabilidade da personalidade. Do ponto de vista da psicanálise, segundo Levy (2013), o adolescente é um sujeito em vias de transformação, imerso em um processo profundo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando a adaptação ao novo corpo, às novas pulsões decorrentes da puberdade.

O processo de adolecer é constituído pelo desligamento dos sistemas de representação da infância e pela criação de um novo self, inscrito por algo ainda desconhecido, que, ao contrário de lhe garantir estabilidade, lhe provoca angústia. Segundo Levy (2013), na adolescência há um novo processo de subjetivação em que todo o sistema de representações do sujeito é reordenado. Sob esta perspectiva, o autor aponta que o adolescente confronta a assimilação de um “corpo estranho” emergente da puberdade que, além de abranger um

conjunto de transformações biológicas, neurológicas e hormonais, recebe interferências advindas da combinação de fatores ambientais e sociais. Neste sentido, o processo de reordenamento simbólico da perda da infância de um corpo infantil, além de causar o estranhamento para o próprio adolescente, pode causar uma profunda angústia de aniquilamento, visto que, “[...] há uma perda relativa das representações de si e dos objetos, vivência angustiante que pode provocar, em algumas situações, um sentimento de terror” (LEVY, 2013, p. 169).

Partindo da premissa que para compreender a adolescência na atualidade torna-se fundamental situá-la frente às demandas contemporâneas, é fundamental considerar a dinâmica do mundo posto e elementos importantes referentes ao seu processo de construção. Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012, p. 75) destacam que “O mundo pulsional se vê diante de novos desafios e possibilidades; as vicissitudes dos investimentos estão atreladas às condições de elaboração e metabolização das intensidades psíquicas”. Neste sentido, os desafios da contemporaneidade causam efeitos no processo de subjetivação dos adolescentes, e, muitas vezes, segundo os autores, a desmesura do que o invade expõe a precariedade de suas possibilidades de enfrentamento.

## **2.1 Adolescência na contemporaneidade**

Landerdahl (2020) discorre nos seus estudos, sobre a ideia de que a contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo. Deste modo, compreender a dinâmica do mundo contemporâneo e aspectos vinculados às experiências de subjetivação, tais quais ocorrem na adolescência, necessita ponderar o contexto no qual está inserida, considerando elementos importantes no processo de subjetivação dos adolescentes. Corroborando com este pensamento, Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012) destacam as ideias de Hornstein (2006) em seus estudos, enfatizando que ao abordar a temática do sujeito e suas relações com o contexto que habita se faz necessário considerar e compreendê-lo imerso no histórico-social, entremeando práticas, discursos, sexualidade, ideias, desejos ideologias e proibições. Para tanto, pensar o sujeito contemporâneo é compreender que a dimensão biológica, implicações afetivas, heranças culturais refletidas na concepção de homem e de mundo, na atualidade, trazem consigo conceitos centrados no Eu, no predomínio da superficialidade e na fluidez dos laços afetivos sustentados na vigente sociedade do espetáculo.

Considerando a importância das relações que o adolescente tem com o outro, Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012) destacam que se deve ponderar sobre as influências desses encontros em vários âmbitos da vida, principalmente no que se refere às funções parentais, seja como modelo identificatório, objeto de investimento e de posterior proposição da interdição ou da rivalidade no campo pulsional. Neste sentido, a intensidade e a qualidade das funções parentais exercidas denotam vital importância para o adolescente, e, caso haja fraturas no cuidado, pode levar ao desamparo.

Do mesmo modo, os autores evidenciam padecimentos resultantes da falta de sustentação da figura de autoridade e de responsabilidade das figuras parentais, seja na indisponibilidade ou na desautorização, já “[...] a impossibilidade do reconhecimento das diferenças traz repercussões significativas na forma dos jovens se posicionarem frente às exigências da vida” (MACEDO; MONTEIRO; GONÇALVES, 2012, p. 85). Na cultura moderna vive-se uma nostalgia em relação a uma formação familiar estável que transmite a sensação de segurança, em oposição às modalidades de desamparo instauradas na contemporaneidade. Logo, a frágil demarcação dos espaços acaba sendo refletida no processo de constituição psíquica e na produção de subjetividade dos adolescentes.

## **2.2 Adoecimento psíquico e a automutilação não suicida na adolescência**

Adentrando no complexo campo da subjetividade dos adolescentes, busca-se compreender a singularidade desta etapa da vida que exige do sujeito um intenso trabalho psíquico de significação e de ressignificação, seja no campo intrapsíquico como no campo da intersubjetividade. Referente a este trabalho, que considera o impacto psíquico das demandas direcionadas ao adolescente e a exigência de administrar seu capital libidinal, segundo Macedo e Werlang (2012), resultam movimentos que darão conta da existência de possibilidades ou de fragilidades frente ao processo de elaboração das transformações e exigências intrínsecas ao processo de ser do adolescente. A esta trama, atrelada ao trabalho de apropriação e reconhecimento de si, voltado a uma construção e formação identitária, e às exigências sociais que carregam em si proposição de ideais e status a serem alcançados, exige-se dos adolescentes ferramentas que deem conta de perdas, processamento de ganhos, e a integração de um tempo passado a um tempo presente. O adolescente precisa mudar, crescer, adultecer, sem deixar de ser o ‘mesmo’, “[...] de realocar os tempos passados no patrimônio da memória, abrindo espaço para o novo e desconhecido” (MACEDO; WERLANG, 2012, p. 167).

Conforme Macedo e Werlang (2012), é na complexidade de situações de extrema dor psíquica, de um turbilhão emocional simbolizado por um sentimento de vazio, de desorientação, de perda de rumo, de incertezas e temores frente ao desconhecido, que se expressa a sensação do desamparo e da desesperança traduzidos pelo sentimento de fracasso dos adolescentes. Num processo de autoafirmação vinculado à busca da independência, vive-se o medo do rompimento com o universo infantil através do luto por um corpo que não condiz mais com suas necessidades libidinais, pela identidade e o papel exercido na infância até então segura e familiar, e pelos pais da infância. Estes, por sua vez, acabam experienciando a perda do filho criança e a ressignificação da sua adultez, visto que a adolescência dos filhos tende a significar o caminhar para a velhice.

Sobre o adoecimento na adolescência, a partir de pesquisas sobre fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes, Avanci *et al.* (2007) afirmam que é nesse período da vida que os momentos naturalmente depressivos e conflitantes são característicos, a ponto de alguns autores questionarem se essa fase da vida seria um processo de luto ou depressão. Corroborando com esta ideia, Jerusalinsky (2004) diz que “A palavra adolescência fala de adoecer [...], a passagem da proteção à exposição determina um sofrimento” (JERUSALINSKY, 2004, p. 1). Segundo o autor, a adolescência é caracterizada pela angústia em sentir que sua vida está se decidindo a cada instante, e quando não consegue decidir, a angústia se torna insuportável. “[...] o estado normal do adolescente é o da neurose de angústia, que consiste precisamente no saber inconsciente – portanto, num saber que não se sabe” (JERUSALINSKY, 2004, p. 2).

Deste modo, considerando as inúmeras confluências e fragilidades psicossociais que cercam esta fase, o processo complexo de adolecer também compreende um período de vulnerabilidade para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental. Na contemporaneidade, estas suscetibilidades se manifestam na singularidade de cada sujeito, e na adolescência, o corpo pode se apresentar como cenário significativo no qual o sofrimento psíquico encontra espaço para se manifestar. Por vezes, pela dificuldade de elaborar a sua própria dor psíquica, utilizam condutas que estarrecem e paralisam o outro, deixando-lhe a incumbência do reconhecimento e da sua validação. Neste sentido, o corpo como campo simbólico é utilizado como forma de descarga do excesso, do que não é elaborado. Campo de representação no qual se exprimem significações do inconsciente, a escuta deste “corpo-linguagem” (MACEDO; GOBBI; WASCHBURGER, 2012) adentra o diálogo entre o corpo e o psiquismo e aborda aspectos intra e intersubjetivos.

Considerando as demandas da adolescência contemporânea, seus atravessamentos e sua complexidade, cabe pensar no processo do tratamento psicológico num viés psicanalítico dos adolescentes que, utilizando o corpo como lugar de fala da sua angústia, buscam dar sentido e validar o seu sofrimento psíquico. Para tanto, com a intenção de elucidar tais questões, se propôs uma pesquisa qualitativa junto a profissionais que trabalham com este público, a fim de compreender a sua percepção sobre o tema e sua atuação na clínica, conforme a proposta metodológica que se segue.

### **3 METODOLOGIA**

Por ser a automutilação não suicida na adolescência um fenômeno que instiga contínuas investigações vinculados à área da saúde, e das ciências sociais como um todo, e por se tratar de um tema contemporâneo e instigante, este estudo se situou no campo da pesquisa social apoiado em dados constituídos por meio de relações intra e interpessoais. Deste modo, considerou os sujeitos da pesquisa com suas próprias características psicodinâmicas, não os reduzindo a variáveis isoladas ou a hipóteses, caracterizando esta pesquisa como qualitativa. Neste sentido, este estudo apoiou-se em dados descritivos, partindo de questões e focos de interesse amplos, examinando evidências baseadas em relatos, visando entender um fenômeno em profundidade.

A amostragem do estudo ocorreu por conveniência, sendo assim, três psicólogas participaram do estudo e por meio de uma entrevista semiestruturada relataram experiências e deram informações sobre a abordagem utilizada no tratamento e acompanhamento de adolescentes que praticam ou praticaram automutilação não suicida, a partir do enfoque psicanalítico. As participantes da pesquisa, além de terem predisposição a compartilhar suas experiências em nível acadêmico, têm formação em Psicologia no Brasil e atuam na Clínica com adolescentes (jovens dos 12 aos 18 anos incompletos) há mais de cinco anos, com base no referencial psicanalítico.

Considerando que através de esquemas interpretativos, como salienta Bauer e Gaskell (2008), o pesquisador compreende as narrativas dos atores em termos conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações, foi empregado como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada. As questões norteadoras seguiram um roteiro estruturado que abordaram os seguintes temas: Percurso profissional e atuação com o público adolescente; Adolescência na atualidade; Elementos do desenvolvimento da adolescência que podem ser

associados ao comportamento de automutilação sem intenção de morte; Compreensão acerca da automutilação e a relação com o corpo, considerando a perspectiva psicanalítica; Características observadas nos pacientes adolescentes que praticam automutilação não suicida; Tratamento psicológico sob o viés psicanalítico para adolescentes que praticam automutilação não suicida e Desafios dos atendimentos.

O contato inicial com as psicólogas foi realizado através do WhatsApp. Duas profissionais optaram em realizar a entrevista de modo virtual, pelo Google Meet, enquanto que a terceira, se disponibilizou a realizá-la presencialmente. As entrevistas tiveram aproximadamente a duração de 40 minutos, e como as falas foram transcritas para servirem como análise de dados, foram gravadas. Sendo assim, foi providenciado o uso do Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento (TCLE) que foi autorizado pelo Comitê de Ética da Universidade Vale do Taquari - Univates (CAEE: 67317723.5.0000.5310 pelo número do Parecer: 5.936.310). Após análise do documento, as participantes que realizaram a entrevista de modo virtual, confirmaram oralmente que estavam ciente do teor, e a que participou presencialmente, assinou o termo a fim de que fosse arquivado pela autora da pesquisa durante cinco anos, conforme prevê a Resolução N° 466/2012 (BRASIL, 2012), juntamente com os dados obtidos através dos questionários.

Para fim de reconhecimento e organização do texto, as entrevistadas foram identificadas por números de forma a manter sigilo parcial da sua identidade. Cabe salientar a larga experiência das participantes com o trato de adolescentes, tanto na esfera clínica como em outros espaços como a escola. Além disso, faz-se notar que, além de atuar sob o viés da Psicanálise, as psicólogas realizaram estudos e especializações que lhes oportunizaram maior compreensão acerca dos sujeitos atendidos por elas.

Neste estudo, como técnica de análise de dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011). Nas pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, segundo Campos (2004), deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados produzidos (*corpus*), tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados. Deste modo, as entrevistas realizadas foram analisadas e organizadas constituindo assim, o “corpus” da pesquisa, um conjunto de documentos selecionados através de critérios rígidos e significativos para o estudo.

Os materiais foram categorizados e classificados por “[...] elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação” (BARDIN, 2011, p. 147), isto é, foram organizados em

categorias que impuseram a investigação do que cada um deles tinha em comum com outros, permitindo o agrupamento. Por fim, estes agrupamentos foram realizados através da observação do significado de códigos e originaram quatro categorias que serão discutidas a seguir. A saber, são elas: Adolescência na contemporaneidade: diferentes modos de ser e adoecer; Corpo: marcas e registros de um tempo; Trabalho psicoterapêutico com adolescentes: desafios e possibilidades; Rede de apoio: com quem contar.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Partindo da concepção de que os desafios da contemporaneidade causam efeitos no processo de subjetivação dos sujeitos, busca-se pensar nas fragilidades das conexões e das relações dos adolescentes, que Jerusalinsky (2004) qualifica como debilitamento do laço social. Para tanto, discute-se os atravessamentos que envolvem as relações dos jovens na atualidade e como eles inferem no sujeito que utiliza o corpo como expressão de suas angústias.

### 4.1 Adolescência na contemporaneidade: diferentes modos de ser e adoecer

Atravessados pelos desdobramentos que envolvem o cenário atual, e sucumbidos à globalização negativa<sup>3</sup> que, conforme Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012), promove a individualização e o enfraquecimento dos vínculos, os adolescentes, por sua vez, dotados de uma indecisão que se encontra *na beira de se decidir* (JERUSALINSKY, 2004), vivem um estado de angústia. Segundo Jerusalinsky (2004), o estado normal do adolescente é o da neurose da angústia, que consiste no saber inconsciente de que sua vida está se decidindo a todo momento. Este estado de indecisão de iminente decisão, gerador de uma instabilidade visível, turbulenta e desequilibrada, situa-se na proposta contemporânea da completude, numa dinâmica onde impera o vazio e o tédio.

Sobre as afirmações acerca da adolescência contemporânea e a insatisfação velada por uma completude ilusória, tal qual Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012) desenvolvem em seus estudos, a E2 relata que os adolescentes que tem recebido no seu consultório apresentam uma “abertura” para trabalhar, ao mesmo tempo que manifestam “[...] *um vazio gigante de falta de cuidado, até uma negligência, falta de limite, falta de tudo, falta de amor, falta de*

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Bauman (2007) para analisar a relação perversa da globalização nos espaços como a cultura do individualismo, das relações voláteis, fragilizadas e descompromissadas.

*amigos físicos, [...] falta de vivências de experiências de vida”* (E2, 2023). Diz ainda ser difícil ouvi-los falando sobre situações corriqueiras como ir passear na casa dos avós, e que, ao adentrarem no consultório, os adolescentes querem falar dos seus vazios.

Da mesma forma, a E3 comenta que percebe os adolescentes desamparados em muitas questões do seu desenvolvimento. “[...] *eu vejo os adolescentes muito carentes de referência”* (E3, 2023). Segundo ela, o que falta para o adolescente atualmente, é ter o adulto que consiga suportar o que vem da adolescência, ter condições de acompanhar o adolescente que tem demandado muitas coisas. Deste modo, destaca-se as ideias de Macedo, Monteiro e Gonçalves (2012) salientando que é a partir das suas vivências e construções, aliadas aos recursos psíquicos que dispõe, formados com base na qualidade de relações já experimentadas, que o sujeito vai se constituindo. Adentra-se, assim, no terreno da intersubjetividade, visto que as possibilidades vividas no decorrer da vida e suas respectivas cargas de investimento psíquico abarcam o tema do desamparo como necessidade de um outro no processo de constituição de um sujeito psíquico.

Do mesmo modo, Corso e Corso (2018) ao falarem sobre as angústias que inferem a adolescência, fomentam que mesmo os que têm histórias sem traumas, por vezes possuem sentimentos que os desacomodam intensamente, como ansiedades e desesperanças, sentimentos que os invadem como ondas de desespero, comuns na infância, pois, segundo os autores: “O desespero é companheiro de qualquer adolescente que tiver o potencial psíquico de pensar criticamente” (CORSO; CORSO, 2018, p. 62). Deste modo, parte-se a pensar o quanto as angústias pertinentes a esta etapa da vida, por vezes percebida como um mal-estar físico, estão relacionadas a ideias para as quais, de acordo com os literatos, não há encaixe, classificação, quer seja por ativar conteúdos intrapsíquicos, ou mesmo por não terem premissas necessárias para dar conta e pensar a respeito. Toma-se a fala da E3 ao afirmar que “[...] *a adolescência é a reedição dos conflitos que aconteceram no Édipo<sup>4</sup>, nas etapas anteriores, então, vai ter essa ligação sempre. trabalhar com o adolescente é isso [...] onde é que isso inicia, por onde vai esse processo, onde houve falhas”* (E3, 2023).

Nessa linha de pensamento, os autores abordam o desamparo estrutural que se refere à “[...] inevitável constatação da não sobrevivência sem o outro humano” (CORSO; CORSO, 2018, p. 79). Esta condição experimentada pelos sujeitos desde a infância, dentre tantas atualizações e repetições que a adolescência promove, também é reeditada e reforçada pelo fato dos adolescentes da contemporaneidade necessitarem aprender constantemente novas

---

<sup>4</sup> Núcleo central na estruturação de toda e qualquer neurose, segundo Zimerman (1999), o Complexo de Édipo designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta com relação aos seus pais.

formas de navegar<sup>5</sup> e conviver com a ideia de transitoriedade do mundo contemporâneo, o qual tem como porto seguro a própria navegação em si como promessa de segurança e abrigo. A condição de desamparo lhe é percebida não somente pelos recursos internos que dispõem, mas também pelas lacunas deixadas pelas relações parentais, que muitas vezes, configuram-se instáveis, associadas às fragilidades de reconhecimento de si e do outro.

As fragilidades e a intensa dor psíquica experimentadas através da condição de desamparo, podem acarretar aos adolescentes, dependendo do seu funcionamento psíquico, uma dificuldade de simbolização tal qual é verificado nas falas das participantes. A E1 refere-se aos adolescentes contemporâneos, como sujeitos com mais dificuldade de simbolização, que as passagens ao ato são mais frequentes tal qual se percebe nas músicas e nas manifestações artísticas: “[...] *tanto em termos de cultura quanto em termos emocionais e psicológicos, as coisas vão no concreto. Se antes a gente tinha vontade de matar os professores, hoje a gente vai lá e mata, vai lá e fere*” (E1, 2023). Ao discorrer sobre atuação, Ruthes e Lustoza (2018) se reportam a teóricos como Etchegoyen (2004) que a relaciona ao movimento de expulsão como forma de descarga, alívio de tensão, e Laplanche e Pontalis (2001), que afirmam que o termo designa uma ruptura de caráter impulsivo, que toma muitas vezes um caráter autoagressivo. Do mesmo modo, os autores ressaltam os apontamentos de Lacan (2005) que afirma que a transferência neste caso, não acontece na esfera da análise. “O ponto crucial aqui é situar o *acting out* como apelo feito a um Outro que tem autoridade transferencial sobre o sujeito” (RUTHES; LUSTOZA, 2018, p. 2).

Neste caso, pode-se pensar que na sua fala, a E1 se reporta a uma censura esperada pelos adolescentes, visto que *acting out* se endereça ao Outro por via da mostraçã, “[...] uma mostragem, em busca de uma interpretação. Diferente da passagem ao ato, o *acting out* é uma demanda de simbolização, dirigida a um Outro, para ser decifrada” (PINHO, 2002, p. 78, grifo nosso). Da mesma forma, segundo Calligaris (2013), a motivação primeira do adolescente se trata do reconhecimento, para tanto, o autor afirma: “O adolescente oscila entre estourar as caixas de som e viver de fone de ouvido. O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço” (CALLIGARIS, 2013, p. 52). Quando um pedido seu não encontra o reconhecimento, a tendência é que busque alternativas para ser ouvido, neste caso, tenta impor pela força, ou mesmo pela violência ao desafiar. Nesta mesma linha de pensamento, no decurso do desenvolvimento emocional do indivíduo, segundo Winnicott (1975), o sujeito

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Lerner (2006) para referir-se à postura questionadora do adolescente frente à sociedade. Para o adolescente navegador, a sua existência não se justifica em função de algo que pode vir a ser, e sim em função do que está fazendo.

possui necessidade de chegar ao ser antes do fazer: “‘Eu sou’ tem de preceder o ‘eu faço’, pois de outra maneira, ‘eu faço’ torna-se desprovido de significado para o indivíduo” (WINNICOTT, 1975, p. 177).

Quanto à função simbolizante, Roussillon (2015, p. 265) afirma: “O trabalho da simbolização permite completar o esforço de apropriação do objeto e do declínio deste esforço de apropriação para tornar a resposta do objeto ‘suficientemente boa’”. Logo, a função simbolizante que se vivencia no decorrer do desenvolvimento infantil, vai fornecer ao sujeito o que ele precisa para atenuar suficientemente a falta proveniente da relação com o objeto de desejo, como narra Roussillon (2015, p. 265), o “[...] objeto ‘propõe’ assim, a transferência e o tratamento de sua falta na atividade de simbolização e os objetos que a tornam possível”.

#### **4.2 Corpo: marcas e registros de um tempo**

As exigências estruturantes da personalidade e geradoras de temores dos adolescentes, acrescentadas a uma experiência de desamparo, podem tomar proporções difíceis de serem compreendidas por extrapolarem limites de uma crise (MACEDO; WERLANG, 2012). Excessos geradores de angústias dificultam a possibilidade de atribuição de sentido, de elaboração das emoções, levando o adolescente a usar de recursos que possam lhe aliviar a dor psíquica. Os autores evidenciam que os adolescentes, por meio da impulsividade, característica que os acompanha, podem dar vazão ao que lhe angustia, isto é, “[...] a angústia pode encontrar no ato uma espécie de ‘válvula de escape’” (MACEDO; WERLANG, 2012, p. 172).

Ao ser questionada sobre as angústias juvenis, a E3 fomenta que a passagem à adolescência é cercada de conflitos, de atravessamentos e de mudanças em todas as áreas, pois há uma transformação física, mental e biológica à qual o adolescente precisa dar conta: *“A passagem à adolescência é muito importante, mas cercada também de conflitos. Acho que uma coisa que a Psicanálise ajuda a entender, é que pra viver uma adolescência saudável sem viver algum tipo de crise, de atravessamentos por conflitos mesmo, de mudanças em todas as áreas. O adolescente é esse que se transforma fisicamente e mentalmente, biologicamente”* (E3, 2023). Sobre este tema, Knobel (1983) fomenta em seus estudos que a adolescência é uma crise vital que se caracteriza por um particular desenvolvimento do nível de integração ideativo, e um evidente déficit no nível afetivo. Estas questões dizem respeito à *síndrome da adolescência normal* (KNOBEL, 1983), definida pelo autor através de expressões condutuais como: busca de uma identidade e de um si mesmo, tendência ao

convívio em grupo, mecanismo de intelectualização como defesa, flutuação constante de humor e de estado de ânimo, além de luta constante por uma separação progressiva dos pais.

Corso e Corso (2018) destacam que o afastamento da família é necessário para que o adolescente possa crescer. Conforme os autores, durante a infância os jovens se situavam num campo seguro, no qual não havia desejos, senão querereres, os quais podiam e deviam ser explicitados, afinal estava a cargo dos adultos sua satisfação. Deste modo, a E3 comenta que o período da adolescência tem que ser vivido. *“Os adolescentes precisam passar por aquilo que é difícil, sofrido, complicado, e que isso termina”* (E3, 2023). Ela também afirma a importância de perceberem que há um lado bom, positivo, que reflitam o quanto as situações complicadas lhe asseguram uma aprendizagem, significa que estão crescendo.

Corroborando com esta fala, Macedo, Gobbi e Waschburger (2009, p. 91) discorrem que “[...] a adolescência é uma idade da vida que reúne a experiência de rompimento em relação ao tempo infantil e o movimento em direção ao crescimento, a um tempo futuro”, isto é, fase da vida em que os jovens precisam renunciar, perder algo para adentrar num novo território. É neste trabalho psíquico de ressignificações, que por vezes é angustiante, segundo os autores, que os adolescentes encontram no corpo um “[...] cenário privilegiado de expressão” (MACEDO; GOBBI; WASCHBURGER, 2009, p. 93). Sobre esta provação, a E1 comenta sobre a dificuldade de integração do *self*: *“[...] se lá no início tinha uma simbiose, uma diferenciação com o outro, na adolescência, às vezes, o que a gente observa em patologia, por exemplo, num estado limítrofe, é uma dificuldade em se sentir bem dentro do corpo”* (E1, 2023). A psicóloga se reporta aos adolescentes que possuem dificuldade em lidar com o vazio gerado pela angústia e a fragilidade emocional em encarar os desafios da idade, que por vezes, acabam lançando mão de estratégias para se sentirem vivos, para se punirem ou punir alguém, *“[...] e pra tentar de alguma forma reparar algo de um trauma que não pode, lá atrás, ser expresso, e que hoje volta recalcado”* (E1, 2023).

A partir desta colocação, parte-se a pensar nas ideias de Macedo, Gobbi e Waschburger (2009) sobre o corpo ser um espaço privilegiado, no qual as desconfortos da adolescência se expressam e se impõem, não deixando dúvidas sobre a importância das marcas corporais no trabalho de enfrentamento com intensidades psíquicas nessa idade da vida. A E1 ressalta que, na concepção psicanalítica, tudo é corporal. Ela comenta que a etiologia da pulsão é somatopsíquica, logo, ela parte do corpo para o psíquico. Corroborando com este pensamento, a E3 fala que também é no corpo, com todas as transformações experienciadas pelos adolescentes, que aparecerá o sintoma.

Perante a dificuldade do adolescente em se expressar, de pedir ajuda ao enfrentar suas angústias, segundo as entrevistadas, ele acaba dando visibilidade a sua dor psíquica e ao seu sofrimento através da automutilação. A E2 comenta que para acabar com a dor emocional, com a dor da alma, segundo seus pacientes, eles fazem alguma coisa para terem dor física, “[...] *uma dor maior que a dor do coração*” (E2, 2023). Ela fala que os adolescentes que se automutilam sem intenção de morrer que atende no consultório, relatam que este comportamento tende a aliviar o desprazer, dá um êxtase, “[...] *que vira de novo como se tivesse uma pulsão de vida de novo, e aí passa*” (E2, 2023). Segundo Corso e Corso (2018), as escoriações, machucados e cortes auto infligidos surgem quando o sujeito se encontra em algum tipo de diálogo interno e inconsciente a respeito dos limites de seu próprio corpo.

Buscando alívio imediato à significativa dor de cunho emocional, os adolescentes, depois de um evento estressor, como estratégia para lidar com o sentimento invasivo, se ferem de forma intencional. Sendo assim, a dor emocional subjetiva é transferida para a dor física a fim de dar um sentido a ela. “O sujeito fica aliviado ao ver seu sangue brotar, como se passasse a ter certeza de estar realmente aí, sente-se mais vivo por meio da dor e visualiza seu interior dessa forma” (CORSO; CORSO, 2018, p. 192). Segundo a E2, por mais que saibam do perigo, que compreendem que não é salutar, os adolescentes com este comportamento, no momento em que a dor é intensa, agem impulsivamente, e cometem o ato. Deste modo, cabe salientar a importância das intervenções psicoterapêuticas a estes adolescentes, bem como nas dificuldades e perspectivas existentes neste processo.

### **4.3 Trabalho psicoterapêutico com adolescentes: desafios e possibilidades**

Segundo Winnicott (2008), o tratamento psicanalítico depende da cooperação inconsciente que se estabelece por ocasião das interpretações que ocorrem a partir das verbalizações dos pacientes. Tais interpretações compreendem sonhos, recordações e narrativas e que, impreterivelmente, são realizadas pelo próprio analisando. Sendo assim, o autor fomenta que o objetivo primeiro da análise é verbalizar a conscientização nascente em termo de transferência, considerando os mecanismos primitivos de defesa que possuem um valor muito positivo.

A E2 discorre que, atualmente, nos atendimentos psicoterapêuticos que tem realizado de adolescentes, têm percebido uma postura mais autônoma por parte deles, relata que os adolescentes buscam auxílio profissional com muita independência devido às situações emergentes. No entanto, a E3 destaca na sua fala que os jovens, ao mesmo tempo que

apresentam um comportamento mais autônomo, também estão apresentando uma onipotência na qual se esconde uma carência enorme, e “cutucar”, trabalhar com essas fragilidades, é necessário, ao mesmo tempo que é agressivo: *“Nessa onipotência se esconde uma carência enorme, uma falta enorme, e cutucar isso, é trazer para essa possibilidade, é trabalhar com essas fragilidades”* (E3, 2023). Sobre a proposta de intervir ampliando o campo de ação do sujeito, a E1, pontua que a ideia de criar junto aos seus pacientes, mecanismos e estratégias de enfrentamento saudáveis para que consigam lidar com as ansiedades e medos de modo saudável é muito importante. Neste caso, conforme as entrevistadas, atender o adolescente é escutá-lo, é traduzir o que está sentindo, é falar em nome dele.

Acerca dos atendimentos, a E2 diz não haver uma regra; que as intervenções, incluindo a primeira consulta, é realizada de acordo com a necessidade daquele que escuta. De acordo com esta postura, a E1 aponta que há sessões às quais o adolescente chega um pouco mais "estruturado", oportunizando intervenções mais profundas, no entanto, caso se apresente mais fragilizado, procura acolhê-lo sem se preocupar com uma intervenção pontual. *“É mais uma perspectiva de vínculo do que intervenção/interpretação, aquela que a gente lê nos livros”* (E1, 2023). Do mesmo modo, a E2 diz que é preciso fazer a leitura desse simbólico o tempo inteiro, *“[...] esta é a parte mais ativa, sermos um instrumento, uma pecinha para junto com eles, construirmos o que ele está sentindo”* (E2, 2023). A partir desta perspectiva, Sei e Zuanazzi (2016), baseadas nas ideias de Jordão (2008), discorrem em seus estudos que os profissionais que atuam na clínica psicanalítica com adolescentes devem ter condições de lidar com questões primitivas, ter capacidade para atentar para a contratransferência e descargas emocionais intensas, características do trabalho com esse público.

Sobre a dinâmica dos atendimentos, a E1 comenta que para atender adolescentes, é preciso adentrar em seu universo. Diz que frequentemente recebe muitas fotos e vídeos, e que precisa estar “por dentro” das séries que eles assistem e das músicas que escutam, porque *“[...] atender adolescente é uma demanda muito diferente, [...] mensagem, vídeo, memes, [...] podem mandar, mas eu não vou fazer terapia por WhatsApp, nem o processo vai por ali”* (E1, 2023). No que se refere à dinâmica e o manejo das sessões, Sei e Zuanazzi (2016) destacam a importância de usar recursos que facilitem o processo terapêutico utilizando materiais associativos que ocupem um lugar entre o lúdico da infância e a linguagem verbal característica do adulto. As autoras destacam também as ideias de Santos, Santos e Oliveira (2008) quanto ao significativo silêncio frequentemente presente nas sessões juvenis, pois,

assim como podem ser compreendidos como resistência, podem ser entendidos numa função elaborativa, momento em que o sujeito reflete e integra os conteúdos trabalhados no atendimento.

Stürmer e Castro (2009) destacam que a relação terapêutica é um vínculo genuíno e com características próprias e discriminadas dos relacionamentos comuns da vida dos pacientes. Não é uma relação natural e espontânea; ela é assimétrica, com papéis e funções diferentes para paciente e terapeuta. A relação terapêutica, segundo as autoras, vai sendo construída no vínculo, baseada num contrato com algumas normas e regras a serem seguidas, firmadas por uma aliança terapêutica: “A aliança terapêutica evolui com o tempo e está baseada na ligação positiva com o psicoterapeuta e na percepção do paciente de que necessita de ajuda” (STÜRMER; CASTRO, 2009, p. 83). No entanto, considerando a influência do meio na constituição do paciente, salienta-se a importância de um trabalho em conjunto com a rede de apoio dos adolescentes que se encontram num processo psicoterapêutico.

#### **4.4 Rede de apoio: com quem contar?**

A compreensão das demandas e necessidades dos adolescentes merecem um olhar que vai além da clínica e da relação dual entre paciente e profissional, tal qual afirmam Sei e Zuanazzi (2016). Segundo as autoras, a aliança terapêutica deve incluir o adolescente, seus pais e o terapeuta, indicando a influência da família para o adolescente. Sobre este pensamento, parte-se a pensar a fala da E3 sobre a necessidade dos adolescentes terem alguém que lhes dê o suporte que precisam para lidarem com suas dores emocionais: “[...] *que precisa do adulto que possa se sentir bem no lugar de adulto, [...] assumir o seu papel enquanto adulto. Eu falo de pais, de pessoas que são referências, [...] e que não estão sabendo lidar com crises*” (E3, 2023).

Em concordância, a E1 afirma que sempre se espera que os pais tenham condições psíquicas ao que se refere à parentalidade: “[...] *mas muitas vezes é que não. muitas vezes se tem um padrão familiar, segredos na família, uma dificuldade imensa de comunicação, dificuldade dos pais se conectarem com os adolescentes que é muito diferente tu ser pai de um bebê, de uma criança em idade escolar, e tu ser de um adolescente*” (E1, 2023). Do mesmo modo, a psicóloga menciona ainda que postar os pais como vilões, definitivamente não ajuda no tratamento, e que, às vezes, é a família que precisa de acompanhamento psicoterapêutico. Corroborando com esta fala, a E2 menciona que cabe a elas, por vezes, ser um “*elo de reconstrução familiar*” (E2, 2023). Em relação ao manejo técnico e postura

terapêutica junto aos pais, Stürmer, Ruaro e Saraiva (2009), discorrem sobre as transferências bipessoais do psicoterapeuta e do entrecruzamento de transferências oriundas dos pais, o que torna mais complexo o campo transferencial. As autoras fomentam que o terapeuta deve trabalhar em dois níveis: o próprio trabalho psicoterápico com o adolescente abordando seus inúmeros conflitos e intenso sofrimento vinculados ou não as tramas transgeracionais, e de suporte terapêutico aos pais, auxiliando-os na compreensão de suas fantasias a respeito do adolescente e das mudanças advindas do tratamento que precisam suportar e aceitar.

No que diz respeito à aliança terapêutica, em seus discursos, as entrevistadas E2 e E3 destacaram a importância do sigilo no processo terapêutico. Tal qual é expresso no Art. 9º do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), faz-se necessário firmar o compromisso do respeito e da proteção, assegurando por meio da confidencialidade a intimidade dos pacientes. No entanto, as entrevistadas comentam que ao perceberem que há uma implicação maior, no qual o adolescente ponha a sua vida em risco, cabe a elas informar e orientar a família sobre o fato. Sobre esta postura, segundo o Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (FELIPPI, *et al.*, 2019), a quebra do sigilo é prevista quando a(o) psicóloga(o), de forma fundamentada, identificar a necessidade, baseando sua decisão na busca do menor prejuízo.

Ainda em relação a rede de apoio, Castro, Campezatto e Saraiva (2009) destacam em seus estudos sobre a importância de pensar as demandas dos adolescentes em atendimento psicoterápico por um viés multidisciplinar, tal qual a entrevistada E1 fomenta no seu discurso. Segundo ela, o seu fazer é muito junto com a família e a escola. Sobre este tema, Garcia (2016) evidencia os estudos de Estanislau e Bressan (2014) os quais referem-se que, como espaço que se situa muito além do ensinar, a escola é um ambiente privilegiado de grande concentração de estimulação longitudinal e de grande impacto sobre todos os aspectos da vida. Entretanto, E1 diz perceber que as escolas não estão preparadas para trabalhar com questões que implicam uma atenção maior à saúde mental dos seus alunos: *“O trabalho com o adolescente é muito junto com a família e a escola. Diferente do que a gente pensa, as escolas não estão nenhum pouco preparadas para trabalhar essas questões”* (E1, 2023). Corroborando com esta fala, a E3 diz que os adolescentes são reflexos da sociedade da qual fazem parte, e assim como refletem seu modo de agir e de pensar, reproduzem o seu adoecimento também: *“Não dá pra dizer que as escolas estão preparadas, porque elas também são reflexo da sociedade em que ela vive. Quem trabalha na escola são seres humanos que também vivem seus conflitos, também estão inseridos na sociedade”* (E3, 2023).

Ao que se refere à sociedade, em seus discursos, as psicólogas apontam desafios que percebem no atendimento a adolescentes que se automutilam sem intenção de morrer e destacam que a maior adversidade está no estigma da saúde mental, “[...] *como se todo adolescente que tem um comportamento autolesivo tivesse um transtorno grave*” (E1, 2023). A participante reitera que, como categoria, os psicólogos devem orientar a população em relação à criminalização da doença e o julgamento das pessoas, assim como a E2 afirma a necessidade de estarem abertos a mudanças de paradigmas, a novas técnicas e estudos contínuos, a fim de estar a serviço das necessidades deles. Por sua vez, E3 fomenta a importância de entender que o machucar-se não deve ser visto somente como aquilo que mais nos impacta visualmente, que o maior desafio está em enxergar a automutilação como realmente deve ser vista, um sintoma: “*entender que o corte, a automutilação, machucar-se, não deve ser visto como aquilo que mais nos impacta visualmente, porque está no físico, mas sim, essa ideia de que como aquilo que aparece tão claramente, de forma real, pode ser significado de outras maneiras*” (E3, 2023).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As expectativas e frustrações juvenis pertinentes ao *adolescere*, denotam um olhar e uma atenção ímpar, na medida que se situam no cenário atual como instáveis e expostas a desafios que denotam maturidade, uma condição que reúne um compilado de competências emocionais. A problemática supõe jovens confusos perante o espaço que almejam ocupar no mundo, ao mesmo tempo que sofrem por perdas significativas como a de seu papel infantil no seio familiar. É durante este período, por não conseguir lidar com diversas mudanças biológicas, posicionamento social, sexual, familiar, assim como outros conflitos pertinentes, que o adolescente pode se autolesionar sem a intenção de morrer, alegando-se a intenção de aliviar tensões.

Ao discutirem sobre a adolescência contemporânea, as entrevistadas que participaram da pesquisa realizaram observações significativas acerca do tema. Segundo elas, os adolescentes recebem interferência direta do ambiente em que estão inseridos, deste modo, cabe propiciar a eles um ambiente confiável e propício para o desenvolvimento emocional individual. Para tanto, salientam a necessidade de os adultos suportarem a demanda que advém das mudanças hormonais e inquietudes acerca do desconhecido, pois viver a adolescência na sua totalidade é sofrido, na mesma medida em que é necessário.

Em seus discursos, as psicólogas destacam que olhar o adolescente com suas carências e prepotências é desafiador. Segundo elas, indiferente da época, a adolescência traz consigo suas especificidades, é um tempo no qual há reedição de conflitos da infância que exigem do sujeito um processo de amadurecimento ao qual às vezes não está preparado e que acaba recebendo o estigma de possuir um transtorno grave, tendo seus pais, como vilões da história.

Por não dar conta deste sofrimento psíquico, por vezes, adolescentes acabam lançando estratégias de enfrentamento primitivo e restrito, e no impulso de se aliviar da dor emocional, acabam se automutilando. Neste caso, a busca pela dor física denota o alívio ao desprazer causado pelo sentimento de desamparo. Deste modo, parte-se a pensar o uso do corpo como linguagem perante a dificuldade do sujeito em simbolizar, pois no corpo é proferido o que não consegue através da fala.

Deste modo, a intervenção junto aos adolescentes que apresentam este sintoma, segundo as entrevistadas, se faz através de uma escuta ativa, de uma perspectiva de vínculo que proporcione a criação de mecanismos de enfrentamento salutareos para lidar com suas dores e sentimentos de desamparo; logo, o atendimento psicoterápico se fundamenta na tradução do que eles ainda não conseguem falar. Para tanto, o acolhimento aos adolescentes requer um vínculo e uma aliança terapêutica que abrange a família. Questão importante a ser considerada, visto que favorece o suporte emocional e contribui para o fortalecimento dos recursos individuais e familiares no enfrentamento das adversidades próprias desta etapa da vida.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- AVANCI, Joviana *et al.* Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 2007, v. 23, n. 3, p. 287-294, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/VTBVG9tQddSz3s67vmfmD4g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERNAL, Elisa Penna. Especificidade do olhar psicanalítico para a automutilação. **Simpósio de psicanálise e prática multidisciplinar na saúde**, Londrina, n. 1, p. 236-244, 19 nov. 2019. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/sppms/article/view/630>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.. Disponível em <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 10 jun 2023.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2023.
- CASTRO, Livia Kern; CAMPEZATTO, Paula von Mengden; SARAIVA, Lisiane Alvim. As etapas da psicoterapia com crianças. In: CASTRO, Maria da Graça Kern *et al.* **Crianças e adolescentes em psicoterapia**: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. **Resolução CFP Nº 010/05**. Brasil, Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005\\_10.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/07/resolucao2005_10.pdf). Acesso em: 27 mar. 2023.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz**: filmes e psicanálise para entendê-la. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- ESTANISLAU, Gustavo M., BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Orgs.). **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FELIPPI, G. *et al.* **A psicoterapia na prática**: cartilha de orientação. Porto Alegre: CRP/RS,

2019. *E-book*. Disponível em [https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/cartilha\\_psicoterapia.pdf](https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/cartilha_psicoterapia.pdf). Acesso em: 16 jun. 2023.

GARCIA, Janaína Mandra. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 423-425, maio/ago. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psuf/a/zz3fYhKgF9QtNhmYXSVYfjD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun 2023.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016 que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2619-2629, 2016.

HORNSTEIN, María Cristina Rother de (org). **Adolescências**: trayectorias turbulentas. Buenos Aires, Paidós, 2006.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor. **Adolescência e contemporaneidade**. In: CONVERSANDO sobre adolescência e contemporaneidade. Porto Alegre: Libretos, 2004. *E-book*. Disponível em: <http://adolescencias.pbworks.com/f/jerusalinsky-adolescencia-contemporanea.pdf>. Acesso em: 16 jun 2023.

KNOBEL, Maurício. A adolescência e o tratamento psicanalítico de adolescentes. In: ABERASTURY, Arminda *et al.* **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LACAN, J. **O seminário livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LANDERDAHL, Cristina. O vírus que assola na contemporaneidade. In: SANTOS, Nara Cristina (org.). **Emergências contemporâneas**: pandemia, distanciamento e arte em agamben. Santa Maria: Ppgart, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2021/01/Emergencias-contemporaneas-pandemia-distanciamento-e-arte-em-Agamben.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise: Laplanche & Pontalis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LERNER, Hugo. Adolescencia, trauma, identidad. In: HORNSTEIN, Maria Cristina Rother (org.). **Adolescências**: trayectorias turbulentas. Buenos Aires: Paidós, 2006.

LEVY, Ruggero. O adolescente. In: EIZIRIK, Cláudio Laks; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (orgs.). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira; WASCHBURGER, Evelise Machado Pinto. Marcas corporais na adolescência; (im)possibilidades de simbolização. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 90-105, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n1/v15n1a06.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira; WASCHBURGER, Evelise Machado Pinto. O corpo na Adolescência: território de enlacs e desenlacs. In: MACEDO,

Mônica Medeiros Kother (org.). **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; MONTEIRO, Roberta Araujo; GONÇALVES, Thomás Gomes. Adolescência e funções parentais: especificidades contemporâneas. *In*: MACEDO, Mônica Medeiros Kother (org.). **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Desamparo e desesperança: risco ao si mesmo na adolescência. *In*: MACEDO, Mônica Medeiros Kother (org.). **Adolescência e psicanálise**: intersecções possíveis. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

PINHO, Gerson Smiech. Acting out e passagem ao ato: algumas questões a partir da análise da jovem Homossexual. **Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 22, 2002. Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista22-2.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

ROSSI, Livia Martins *et al.* Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Caderno de saúde pública**, São Carlos, v. 35, n. 3, p. 1- 12. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BNyxgYRcypmMMDTkLdF5PDN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2023.

ROUSSILLON, René. A função simbolizante. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 257-286, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352015000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352015000200020&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2023.

RUTHES, Fernando Roberto; LUSTOZA, Rosane Zétola. Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção. **Analytica**, São João del Rei, v. 7, n. 12, p. 120-132, jun. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972018000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2023.

SANTOS, Amanda Albino dos *et al.* Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências. **Temas em saúde**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 120-147, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18308.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SANTOS, Larissa Forni dos; SANTOS, Manoel Antônio dos; OLIVEIRA, Érika Arantes de. A escuta na psicoterapia de adolescentes: as diferentes vozes do silêncio. **SMAD**: revista eletrônica de saúde mental, álcool e drogas, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, ago. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762008000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 17 jun. 2023.

SEI, Maíra Bonafé; ZUANAZZI, Ana Carolina. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 89-108, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010356652016000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652016000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2023.

STÜRMER, Anie; CASTRO, Maria da Graça Kern. A clínica com crianças e adolescentes: o

processo psicoterápico. *In*: CASTRO, Maria da Graça Kern *et al.* **Crianças e adolescentes em psicoterapia**: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

STÜRMER, Anie; RUARO, Clarice Kern; SARAIVA, Lisiane Alvim. O lugar dos pais na psicoterapia de crianças e adolescentes. *In*: CASTRO, Maria da Graça Kern *et al.* **Crianças e adolescentes em psicoterapia**: a abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 44, n. 22, p. 201-218, 2014.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.